

O SAGRADO CORAÇÃO DO HOMEM



O sagrado coração do homem

MICHEL DE OLIVEIRA



© Editora Moinhos, 2018.
© Michel de Oliveira, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Sérgio Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O48s

Oliveira, Michel de

O sagrado coração do homem / Michel de Oliveira. — Belo Horizonte, MG :
Moinhos, 2018.

164 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-45-6

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

2018-1565

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

Literatura brasileira : Contos 869.8992301

Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

<i>Antes de Deus</i>	11
O VELHO NOVO TESTAMENTO	
<i>Gênesis</i>	17
<i>A criação do homem</i>	18
<i>Adão e Eva</i>	20
<i>A tentação da mulher</i>	22
<i>O homem é expulso do paraíso</i>	24
<i>Caim e Abel</i>	25
<i>Noé</i>	27
<i>O sacrifício de Isaque</i>	29
<i>Êxodo ou a descoberta de si</i>	33
<i>Números</i>	37
<i>Davi e Jônatas</i>	39
<i>Sansão</i>	42
<i>Absalão</i>	44
<i>Teoria do Gene Fraco: a Síndrome do X Solitário</i>	46
<i>Jó</i>	56
<i>Cântico dos cânticos</i>	60
<i>Lamentações</i>	63
O NOVO VELHO TESTAMENTO	
<i>Primeira estação: o homem e seus abandonos</i>	69
<i>Pedro</i>	70
<i>Segunda estação: o homem e suas carências</i>	73
<i>André</i>	74
<i>Terceira estação: o homem e suas medidas</i>	80
<i>Tiago, o maior</i>	81
<i>Quarta estação: o homem e suas quedas</i>	88
<i>João</i>	89

<i>Quinta estação: o homem e suas vaidades</i>	92
<i>Filipe</i>	93
<i>Sexta estação: o homem e suas dores</i>	101
<i>Bartolomeu</i>	102
<i>Sétima estação: o homem e seus silêncios</i>	107
<i>Mateus</i>	108
<i>Oitava estação: o homem e suas angústias</i>	112
<i>Tomé</i>	113
<i>Nona estação: o homem e sua pequenez</i>	118
<i>Tiago, o menor</i>	119
<i>Décima estação: o homem e suas violências</i>	128
<i>Judas Tadeu</i>	129
<i>Décima primeira estação: o homem e seus desejos</i>	133
<i>Simão</i>	134
<i>Décima segunda estação: o homem e suas traições</i>	137
<i>Judas Iscariotes, o traidor</i>	138
<i>A crucificação</i>	146
<i>Ressurreição</i>	151
<i>Matias, o substituto</i>	152
<i>Sete dias para o fim do mundo</i>	155
<i>Apocalipse</i>	160

Para Larissa Louise, por tantas coisas.



De que se queixa o homem? Queixe-se cada um dos seus pecados.

Lamentações, 3:39

Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

Romanos, 8:24



Antes de Deus

Eis que apresento um escurecimento. Anuncio a pré-verdade, de quando sequer éramos. Proclamo a invelação muda, compreendida por quem à noite se lança à vida e padece diante de muita luz. Trago esta desprofecia para que desaprendam, a fim de causar confusão e incerteza.

Ajuntavam-se num recôndito protegido por árvores de densas copas. Quase mulheres, pois ainda não eram. Por algum acidente inexplicável, traziam crias inacabadas nos braços. Ao contrário das coirmãs macacas, cujos filhos aos pelos se agarravam tão logo vinham ao mundo, os nascidos das aberrações primatas eram inaptos. Aquelas quase mulheres, movidas pelo instinto animal de preservar a vida, foram obrigadas por seus filhotes moles a esperar.

Elas se ajudavam para garantir a sobrevivência da prole, que a muito custo resistia. Sem saber, as quase mulheres começaram uma profunda transformação. Desenvolveram complexas formas de contato – com as outras do bando e com as crias –, ampliando as possibilidades de comunicação primal, necessária a todas as espécies.

Passadas muitas estações, firmaram sofisticados vínculos. Elas habilitaram o prenúncio da linguagem, observaram os ciclos da Natureza, perceberam a gestação das plantas, intuíram a fertilidade do solo, dominaram o fogo, criaram os artefatos elementares, estabeleceram os primeiros ritos, se deram conta da morte com filhotes inertes nos braços.

As quase mulheres desenvolveram tantas coisas, elaboraram o cozimento do barro e a cocção dos alimen-

tos. Criaram estratégias para capturar animais, jeitos de aquecer os corpos que se pelavam, modos de construir abrigos – formas de resistir mais.

Os machos da espécie viviam na ronda dos bandos organizados de fêmeas, comiam os restos, aproveitavam os sobejos e se apropriavam dos despojos. Apresentavam desenvolvimento menos acentuado, com linguagem e contatos rudimentares, além de utilizar artefatos defasados em relação às quase mulheres. Eram um risco, agrediam as fêmeas se sozinhas e podiam devorar-lhes os filhotes.

Em meados do verão, para que dessem cria na primavera seguinte, elas deixavam os machos se achar – não haviam rompido com o cio e a Natureza lhes regulava os corpos de maneira ainda mais direta. Eles eram atraídos pelo viço de suas partes, que secretavam irresistível aroma.

Nas outras estações, os machos, quase iguais a hoje – homens –, treinavam entre si, subjugavam os fracos, velhos e doentes em cópulas forçadas; ou consensuais, para estabelecer hierarquia e vínculos. Igual a todos os bichos, sexo era vitória dos fortes, que perpetuavam seus genes ao despejar espermatozoides no interior de uma fêmea nos ardores do cio, ou desperdiçando-os nos deleites com outros machos.

Eles se especializaram na violência, pouco cooperavam com o desenvolvimento da espécie. Ao contrário, eram a primeira ameaça. Viviam isolados, competiam entre si, em parcerias pouco duradouras, para atacar alguma presa ou saquear o que as quase mulheres culti-

vavam. Mantinham-se à espreita, eram mal necessário à perpetuação da espécie.

A transformação foi lenta e gradativa. Elas, que precisavam de segurança, proteção, alimento e maior estabilidade, fixaram as primeiras colônias, plantaram sementes nos arredores de onde estavam, domaram os animais menores e esperaram que dessem crias.

Muitas e muitas gerações se sucederam, o clã das fêmeas demorava mais em suas junções, porque à medida que os corpos se transformavam – desenvolvendo novas habilidade para dominar a Natureza –, as crias nasciam mais indefesas e incompletas, o que demandava vários ciclos até estabelecer alguma independência. Os machos cresciam mais aptos, aprendendo as ações desenvolvidas na comunhão das fêmeas.

Por causa delas – já mulheres –, eles se beneficiavam, aprendiam ofícios, se apropriavam dos melhoramentos e pouco contribuía com avanços. Apenas repetiam o que as fêmeas sempre fizeram, e como era novo saber, eles achavam ter alguma soberania ao dominar as técnicas e manejar os devaneios da imaginação. Como eram competidores de ninharias – tendo no ápice da cópula o único fulgor de existir –, passaram a se vangloriar do que não lhes pertencia.

Sobrevindas muitas lunações, eles, mais evoluídos, uniram-se para subjugar as mulheres com o que elas desenvolveram. Em suas mesquinhas, tentaram de todas as formas enfraquecê-las.

Os machos – os mesmos homens de agora – se articularam para dispersar as fêmeas, há muito mulheres. Agiram para desacreditarem umas das outras, desagre-

gando-as de suas comunhões primais, que garantiram a existência e sobrevivência da espécie.

Dizem – de maneira cínica – terem sido caçadores valentes, que cuidaram da segurança dos clãs, quando foram o primeiro perigo. Dizem – repetidas vezes – que vieram primeiro, do barro, e que elas foram feitas de suas costelas, invertendo a ordem profunda da vida. Dizem – com insistência – que são fortes, tentam encobrir a qualquer custo que por eles nada existiria.

Que eles teimem em propagar mentiras, mas quem quiser busque o Mistério, saído das profundezas de cada célula. Ouçam-no quem ainda tem coragem de existir: a sociedade, constituída por elas, possibilitou a sobrevivência dos inúteis. E aqui estamos.

O VELHO NOVO TESTAMENTO



Gênesis

I No princípio, houve o fim. O animal rebelou-se contra a Natureza e fez-se consciente da própria existência.

²Chamou-se humano: aquilo que é criação de si próprio, artificial por essência. O homem criou o homem.

³Este, ao dar-se conta da incapacidade de crescer e multiplicar, subjugou a mulher. Impôs a ela o castigo de parir muitos homens, que perpetuam-se como vírus: parasitas obrigatórios.

⁴Viu o homem que tudo o que criou lhe favorecia e pensou ser grande. Tornou-se Diabo de si.

⁵Montado na arrogância, chegou ao limite e conheceu a Morte. Assim, criou Deus.

A criação do homem

O que digo é verdade. Mais que verdade: aconteceu.

Os meninos eram muitos, incluindo as meninas, em bom português contabilizadas como meninos, para preservar a delicada masculinidade deles.

Algum dos adultos que frequentava o abrigo teve a ideia de presenteá-los com pintos: pequenos, ordinários, aberrantes como balas de goma. Seriam meros brinquedos se não fosse o fato de piar, caminhar sem pilhas e fazer cocô.

As pequenas mãos se juntaram em concha para receber a reduzida vida colorida artificialmente. Conscientes do destino, os pintos se debatiam ao sair da caixa, até serem imobilizados pelos dedos firmes e cruéis.

Ele, o menor de todos, ficou por último, ansioso à espera do pinto. A frustração logo se fez presente. Apenas um pinto rosa sobrou na caixa. Até tentou trocar com alguma das meninas. Pueris e egoístas, afeiçoaram-se maternas aos pintos verdes, azuis, amarelos, laranjas e também rosas. O escambo foi inegociável.

Riam do pinto rosa. E riam muito. Ele se sentiu diminuído, com o pinto na mão: rosa, rosa demais, quase neon, aberrante. Afronta para ele, homem, apesar de menino pequeno a mijar na cama.

Rosa foi feito para menina, e ele não acabaria uma delas por ter um pinto rosa. Homem, mesmo menino, não apresentava estrutura para ser fêmea: desvalorizado, ridi-

cularizado e alvo das gargalhadas debochadas. Elas, longe da inocência, também riam do pinto rosa do menino.

Aquilo pesou demais, não permitiria que zombassem dele. Muito menos por causa do pinto, rosa. Odiou o pinto. Ódio que só crianças sentem. Puro, em estado bruto, sem filtros da educação. Odiava e inexistia qualquer constrangimento nisso. Pelo contrário, fervilhava certo prazer masculino por odiar o pinto.

Ele afastou-se dos olhos de chacota e das bocas escancaradas. Os outros, incluindo as meninas, brincavam com seus pintos verdes, amarelos, laranjas, azuis e também rosas.

Os pintos, sentindo-se em casa, cagavam pelo chão.

Mais alto que o burburinho dos meninos e o piado constante dos pintos, ecoou da cozinha:

– Piiiiiiuu – longo e doloroso.

Correram todos.

O pinto rosa agonizava com um garfo enfiado no cu. O menino contemplava o bicho esviscerado, finas tripas a escorrer pelo rasgo. Os outros riram com a cena, bando de hienas. As meninas também. Acharam graça no pinto rosa empalado. Sequer o susto da morte, consideravam justo que tivesse aquele fim.

Olhavam admirados para o menor, respeitosos. Ele, triunfante, sorria com caninos afiados, mãos sujas de sangue. Era homem feito.